

A QUESTÃO HEIDEGGERIANA DE UM OUTRO INÍCIO DO PENSAR

Jean Tonin*

Resumo: Trata-se de uma investigação em torno do ser no âmbito do acontecimento-apropriativo (*Ereignis*), no sentido de uma explicitação do caráter principal daquilo que Heidegger assume como a transição de um outro início do pensar. Em vista disso, será discutida a necessidade de uma consideração do ser sem levar em conta o ente, no caso, a partir da chamada diferença ontológica e do passo de volta da metafísica para dentro de sua essência, tal como propostos em *A Constituição Onto-teo-lógica da Metafísica* (1957). Apresenta-se assim, o caráter essencial do pensar no ser, bem como a perspectiva adequada para a consideração deste na medida em que o mesmo se impõe enquanto a questão do pensar, por exemplo, em *Tempo e Ser* (1962); a rigor, como a questão de pensar o ser pelo que lhe é próprio. Esse o âmbito da afirmação de Heidegger segundo a qual ser significa presença que, em seu dar-se, tem uma relação de mútua determinação com o tempo. Nessa via, se faz necessária a explicitação do sentido próprio do comum-pertence (*Zusammgehören*) de pensar e ser, da maneira como Heidegger a expõe em *O Princípio da Identidade* (1957).

Palavras-Chave: Heidegger. Acontecimento-apropriativo. Ser.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo explicitar a concepção heideggeriana do ser no âmbito do acontecimento-apropriativo¹ (*Ereignis*), tal como exposta no ensaio *Tempo e Ser*, de 1962, rumo a uma explicitação do caráter principal daquilo que Heidegger assume como a transição de um outro início do pensar. Isso, tendo como pano de fundo as indicações fornecidas por Heidegger no texto *O Princípio da Identidade* (de 1957) em torno do *Ereignis* como o âmbito

* Mestrando do curso de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria - RS. E-mail: jean.flis@hotmail.com.

¹ Embora os textos-base utilizados neste trabalho sejam os traduzidos em Língua portuguesa por E. Stein, que verte *Ereignis* – a partir do francês *événement-appropriation* – por *acontecimento-apropriação*, optou-se por utilizar o termo *acontecimento-apropriativo*.

do comum-*pertencer*² de homem e ser, assim como a crítica à metafísica enquanto onto-teologia; essa que tivera lugar, sobretudo, no ensaio *A Constituição Onto-teo-lógica da Metafísica* (também de 1957). O referido pano de fundo é proporcionado pelo filósofo em *Identidade e Diferença* (1957), que reúne os dois últimos escritos acima aludidos, mais especificamente no ensaio *A Constituição Onto-teo-lógica da Metafísica*, no qual, mediante um diálogo com Hegel e toda a tradição metafísica, Heidegger afirma levar a termo o exercício do passo de volta (*Schritt zurück*) da metafísica para dentro da essência da metafísica (HEIDEGGER, 1996, p. 190). Tal discussão abre caminho para interpretação do ser no âmbito do acontecimento-apropriativo.

Ao elucidar a constituição onto-teo-lógica da metafísica, Heidegger afirma que a diferença enquanto diferença não foi pensada; pois, para ele, em todo o pensamento ocidental o ser foi considerado apenas a partir ou em referência ao ente (HEIDEGGER, 1996, p. 194). Assim, o filósofo procura superar tal pensamento, não no sentido hegeliano do sobressumir (*Aufhebung*), mas no sentido de pensar o que aquele pensamento não pensou, ou seja, a diferença ontológica. Nessa perspectiva, o presente trabalho busca, em princípio, acompanhar o movimento do pensamento que o filósofo denomina passo de volta, elucidando sua crítica à metafísica. Desse modo, abrimos caminho para compreender a tentativa heideggeriana de pensar o ser sem sua relação com o ente, pois somente assim poderemos abrir os olhos para aquilo que é no mundo e determinar satisfatoriamente nossa relação com o ser (HEIDEGGER, 1996, p. 251).

Heidegger tem uma compreensão deveras peculiar da história da filosofia ou, mais propriamente, da história da metafísica. Para ele, desde o primeiro desabrochar do pensamento metafísico, com Platão, o ser foi pensado em sua relação com o ente. Desse modo, o filósofo acusa toda a metafísica de não ter pensado, a saber; o que é próprio do ser, deixando a verdade do ser esquecida. Com base nessa crítica à tradição, Heidegger procura pensar o ser pelo que lhe é próprio. Pensando a partir da diferença ele diz que ser não 'é', mas o ser 'se-dá' (HEIDEGGER, 1996, p. 254). A partir disso, ao dar luz à compreensão do dar-se do ser, o filósofo conduz nosso pensamento para o interior do acontecimento-apropriativo.

A questão da diferença é fundamental para o pensamento de Heidegger, em *Identidade e Diferença*, o autor nos situa nessa problemática. Para o filósofo, ser e ente são diferenciados

² Comum-*pertencer* traduz *Zusammengehören*. Expressão que busca acentuar o caráter recíproco de pensar e ser ou, mais propriamente, a comunidade de homem e ser, sendo assim grafada, com destaque no *pertencer* para mostrar que a comunidade em questão é determinada a partir do *pertencer* (HEIDEGGER, 1996, p. 175).

a partir do mesmo, da diferença, ou seja, ser e ente só se revelam no que lhes é próprio a partir da diferença entre ambos. A diferença se configura como a *de-cisão desocultante-ocultante* de ser e ente (HEIDEGGER, 1996, p. 196). Desse modo, Heidegger procura com o passo de volta penetrar na origem essencial da diferença pensada como de-cisão, em outras palavras, pensar o ser a partir da diferença. Acompanhando esse pensamento elucidamos a interpretação heideggeriana a toda metafísica ocidental.

No *Princípio da Identidade* Heidegger descreve sobre o âmbito da diferença, ao diferenciar a compreensão de igualdade e identidade. Segundo ele, a igualdade faz uma relação de síntese: $A=A$, o que pressupõe uma dualidade. Já a identidade deve ser entendida pela unidade, como o mesmo: *A é A* (HEIDEGGER, 1996, p. 173). Para o filósofo, em dois mil anos isso permaneceu impensado, o mérito dessa tematização é dado ao idealismo alemão de Hegel, no qual identidade é compreendida por ela mesma, *A só é A consigo mesmo*. A compreensão de identidade como mera igualdade dos entes ($A=A$) vela a união da unidade. Contudo, Hegel pensa na união da unidade para a dialética da constituição da identidade; pelo contrário, Heidegger pensa essa unidade no âmbito fenomenológico, em relação à diferença ontológica. Isso porque, na compreensão de $A=A$ trabalha-se de modo abstrato com a entidade dos entes, ao passo que vela a unidade da fórmula *A é A*.

A partir da fórmula *A é A* se referencia o ser do ente e não a mera mesmidade ôntica de ' $A = A$ '. Para consolidar essas afirmações, Heidegger retoma a célebre frase de Parmênides: pensar e ser são o mesmo (HEIDEGGER, 1996, p. 175). Ou seja, a identidade, aquilo que é o mesmo, é ser no sentido de pertencer ao ser, contudo não só ao ser, mas também ao pensar. Desse modo, a identidade é o 'comum-pertencer' de pensar e ser, isso indica que o sentido de identidade é anterior a ser e pensar. Desse modo, há uma inversão do pensamento em Heidegger, pois a identidade era compreendida como propriedade metafísica do ser, no entanto aqui, o ser que se mostra como um traço da identidade, por ela se alcança a compreensão do ser e pensar em seu 'comum-pertencer' enquanto acontecimento.

Ao partirmos da conferência *O Princípio da Identidade*, tomamos como fio condutor o que Heidegger diz a respeito da mesma no prólogo a *Identidade e Diferença*, a saber: 'essa conferência olha para frente e para trás' (HEIDEGGER, 1988, p. 60). Para frente no que é dito na conferência sobre *A Coisa*, para trás, no que diz respeito ao campo de origem da essência da metafísica, em que a constituição é determinada pela diferença. O olhar para frente, referente ao texto *A Coisa*, é um olhar para aquilo que se mostra na técnica moderna, contudo, não será essa a direção do presente trabalho. O que se busca, em princípio, é

justamente o chamado olhar para trás, para dentro da essência da metafísica. Assim, abrem-se perspectivas que tornam possível pensar o ser no âmbito do acontecimento-apropriativo.

O trabalho se dividirá em dois capítulos. Em princípio, a partir de *A Constituição onto-teo-lógica da Metafísica*, busca-se apresentar alguns aspectos da interpretação heideggeriana da metafísica enquanto onto-teo-logia; para isso, acompanha-se o filósofo em seu exercício do pensamento assim chamado passo de volta. Esse o termo utilizado por Heidegger para caracterizar o seu diálogo com a história do pensamento, no sentido de um passo de volta para dentro da essência da metafísica. Com ele, Heidegger tenta conduzir seu pensamento para aquilo que permaneceu impensado pela tradição: a diferença enquanto diferença.

No segundo capítulo, procura-se esclarecer a concepção heideggeriana do ser no âmbito do acontecimento-apropriativo, a partir de *Tempo e Ser*. Inicialmente, busca-se explicitar a tentativa de Heidegger de pensar o ser e o tempo pelo que lhes é próprio, isso nos leva ao esclarecimento do mutuo determinar-se de ser e tempo no interior do acontecimento-apropriativo. Em seguida, para tratar de modo mais consistente o *Ereignis*, busca-se no texto *O princípio de Identidade*, clarear o ‘comum-pertencer’ de homem e ser no interior do acontecimento-apropriativo.

1 A interpretação heideggeriana da metafísica enquanto onto-teo-logia

Pretendemos elucidar a interpretação heideggeriana da metafísica enquanto onto-teo-logia. Para isso, tem em vista o ensaio *A Constituição Onto-teo-lógica da Metafísica*, no qual Heidegger afirma dialogar com o pensamento ocidental em geral e com Hegel em particular sobre a Coisa do pensar (*Sache des Denkens*)³. O chamado passo de volta dará a medida desse diálogo, constituindo-se como um movimento que conduz o pensamento para fora do âmbito do pensamento tradicional (HEIDEGGER, 1996, p. 186), para assim esclarecer a essencial origem onto-teo-lógica da metafísica, que é a diferença enquanto diferença, que se dá na decisão de sobrevento e advento (HEIDEGGER, 1996, p. 197).

³ A tradução brasileira de *A Constituição Onto-teo-lógica da Metafísica* verte a expressão *Sache des Denkens* por *objeto do pensamento* (HEIDEGGER, 1996), ao passo que a espanhola tradu-la por *asunto del pensar* (HEIDEGGER, 1988). Neste trabalho, porém, optou-se pela expressão *Coisa do pensar* devido ao fato desta manter de modo mais adequado a integridade da questão (que também exprime a expressão alemã) mesma em jogo no referido texto, tal como ela é posta por Heidegger em seu confronto com a tradição metafísica em geral e com Hegel em especial. O que parece perder-se com as expressões *objeto do pensamento* e *asunto del pensar*, na medida em que estas tendem a deslocar o contexto e o horizonte próprios daquela no que tange ao sentido e ao alcance da discussão de Heidegger com Hegel em torno de seus respectivos diálogos com a tradição.

Busca-se, primeiramente, tornar claro o caráter do diálogo de Heidegger com Hegel. Isso, partindo do caráter de seu pensamento em confronto com o pensamento hegeliano, de modo a elucidar a maneira pela qual Heidegger pensa o ser em diálogo com toda a história do pensamento, em sua tentativa de pensar o que permaneceu esquecido. Caso em que a presente tentativa se colocará no interior do movimento do pensamento que Heidegger caracteriza como passo de volta.

Em seguida, discute-se como Heidegger coloca em exercício o passo de volta, em direção à essencial origem onto-teo-lógica da metafísica. Nesse âmbito, percebe-se que o ser sempre foi pensado em sua relação com o ente, pois a diferença enquanto diferença não foi pensada. A partir disso, Heidegger procura pensar a diferença enquanto diferença, compreendida como de-cisão que vela e desvela o ser do ente, em suma, pensar o ser a partir da diferença na tentativa de pensar o que permanece impensado.

1.1 O Diálogo com Hegel

Na leitura heideggeriana, a Coisa do pensar para Hegel é o próprio pensamento enquanto tal⁴, o pensar do pensado na mais alta especulação (HEIDEGGER, 1996, p. 185), chamado por ele de ideia absoluta. Nela o pensamento se desenvolve e alcança sua suprema liberdade. Como podemos ver na *Ciência da Lógica*, ‘a ideia absoluta unicamente é *ser, vida, não transitória, verdade que se sabe a si mesma* e é toda a verdade’ (HEGEL, 2011, p. 264). Nessa perspectiva, Heidegger diz que Hegel nomeia a Coisa do pensar com a palavra ser.

Como Hegel expõe em *A Idéia e o Ideal*, a verdade somente se ‘funda no conceito absoluto e, mais exatamente, na ideia’ (HEGEL, 1996, p. 117). Nesse sentido, devemos, segundo Heidegger, interpretar o ser hegeliano a partir de um mediador determinante, isto é, a partir da ideia absoluta e não como indeterminada imediatidade (HEIDEGGER, 1996, p. 186). Desse modo, para Hegel a verdade do ser é a reflexão absoluta, no sentido do autopensar-se do pensamento.

O mesmo desenvolvimento do pensar, que é exposto na história da filosofia, expõe-se na própria filosofia, mas liberto da exterioridade histórica – *puramente no elemento do pensar*. O pensamento livre e verdadeiro é em si *concreto* e assim é *ideia*, ou o absoluto (HEGEL, 1995, p. 55).

⁴ Heidegger utiliza a expressão ‘pensamento enquanto tal’ para que não haja na palavra pensamento um enfoque psicológico e gnosiológico (HEIDEGGER, 1996, p. 185).

Hegel pensa a Coisa do pensar em um diálogo com a história do pensamento. Contudo, como podemos observar por esse trecho da *Enciclopédia*, ele procura libertar a especulação da exterioridade histórica e afirmá-la unicamente no elemento do pensamento. Exterioridade aqui não é no sentido grosseiro do termo, mas apenas indicando um ‘âmbito exterior, no qual reside toda a história e qualquer processo real em face do movimento da Ideia Absoluta’ (HEIDEGGER, 1996, p. 186). Isso porque a Ideia se exterioriza sendo esta exterioridade uma determinação dialética. É assim que Heidegger afirma que a Coisa do pensar para Hegel é em si historial⁵.

A Coisa do pensar para Heidegger é a mesma, não igual, mas a mesma, no sentido de que há diferenças a se manifestarem. Assim, por um diálogo, Heidegger procura trazer à tona essas diferenças. Esse diálogo terá em vista a Coisa do pensar e falará da mesma maneira dessa Coisa. Pois Heidegger e Hegel pensam o ser por um diálogo com a história. Para esclarecer essa mesmidade da Coisa do pensar, Heidegger explicita a diferença existente entre ambos os pensamentos, considerando três aspectos essenciais.

Esses aspectos se configuram interessantes visto que Heidegger faz uma auto-interpretação ao confrontar seu pensamento com o de Hegel. O primeiro aspecto é sobre a Coisa do pensar para ambos. Para Hegel, a Coisa ‘é o ser sob o ponto de vista do caráter de pensado do ente, no pensamento absoluto e enquanto tal’ (HEIDEGGER, 1996, p. 188). Para Heidegger, a Coisa é a mesma, o ser, porém pensada a partir da sua diferença com o ente.

O segundo aspecto é acerca da medida em que se dá o diálogo com a história da filosofia para ambos os filósofos. Na visão heideggeriana, Hegel busca penetrar na força daquilo que foi pensado, para desenvolver seu pensamento. ‘Hegel encontra a força individual de cada pensador naquilo que por ele foi pensado, na medida em que, como degrau singular, pode ser sobressumido em seu processo dialético’ (HEIDEGGER, 1996, p. 188). Heidegger também pretende entrar na força do pensamento antigo, mas o que ele procura é pensar aquilo que permanece impensado, pois somente a partir do já pensado se poderá ter acesso ao impensado.

O terceiro ponto trata do caráter do diálogo em ambos os filósofos. Para Hegel o diálogo tem o caráter de sobressumir (*Aufhebung*), no triplo sentido exposto por Hegel de tirar, elevar e conservar, interpretado pelo autor como a ‘compreensão mediadora no sentido

⁵ Quando Heidegger diz que a Coisa do pensar é historial ele não se refere a uma unidade da representação histórica, pois aqui não se trata de historiografia nem de um sistema de um corpo doutrinário. O que o filósofo quer dizer é que o ser é pensado em um diálogo com a história do pensamento (HEIDEGGER, 1996, p. 186).

da fundação absoluta' (HEIDEGGER, 1996, p. 189). Heidegger caracteriza seu diálogo com a tradição como passo de volta (*Schritt zurück*). Por um lado, o sobressumir leva ao mais alto grau de verdade absoluta de um pensamento que sabe de si mesmo. Por outro, pensa-se no passo de volta, 'a partir do qual a essência da verdade se torna, antes de tudo, digna de ser pensada' (HEIDEGGER, 1996, p. 189). Assim clareia-se o âmbito do diálogo entre Heidegger e Hegel.

A partir desse esclarecimento, Heidegger coloca em marcha seu diálogo com Hegel e, por conseguinte, o exercício do passo de volta. Esse é o que determina caráter do diálogo heideggeriano com o pensamento da tradição, na tentativa de pensar o ser que permanece esquecido. Assim, o movimento do pensamento chamado passo de volta conduz para fora do que até agora foi pensado na filosofia.

O pensamento recua diante seu objeto, o ser, e põe o que foi assim pensado num confronto, em que vemos o todo desta história, e, na verdade sob o ponto de vista daquilo que constitui a fonte de todo este pensamento, enquanto lhe prepara, enfim, o âmbito de sua residência (HEIDEGGER, 1996, p. 189).

Com o passo de volta Heidegger procura pensar a essência da metafísica, que permanece ainda esquecida. É na diferença de ser e ente que o pensamento metafísico se torna possível, contudo, a diferença enquanto diferença não foi pensada; assim a metafísica não pensa a sua essência, sendo impelida de colocar a questão da verdade do ser. Assim, o passo de volta é a tentativa heideggeriana de pensar o velamento da diferença enquanto diferença.

Como ressalta Michelazzo, Heidegger não procura um reavivamento da filosofia grega antiga, pelo contrário, ele procura o que não foi pensado e permaneceu esquecido, velado, a saber, o ser (MICHELAZZO, 1999, p. 68). Para o filósofo o que é próprio do ser permanece impensado, assim, para pensar o ser, se faz necessário o passo de volta, que conduz o pensamento a pensar o ser esquecido, pensando pela primeira vez o ser a partir de sua diferença com o ente.

O passo de volta determinará a medida do diálogo heideggeriano com a tradição. Na medida em que Hegel incorpora a tradição filosófica, Heidegger dialoga com ele para penetrar na essencial origem da estrutura onto-teo-lógica da metafísica, partindo de uma citação da *Ciência da Lógica*, onde Hegel escreve sobre o começo da ciência: 'o mais indiscutível direito teria *Deus* de que se começasse com ele' (HEIDEGGER, 1996, p. 191). Heidegger diz que Hegel faz teologia por começar a ciência com Deus. Assim sendo, de algum modo Deus entra na filosofia. Como se dá a entrada de Deus na filosofia, não só no pensamento moderno, mas

na filosofia enquanto tal nos conduzirá para a origem essencial da metafísica. Desenvolver essa questão é por em prática o passo de volta.

1.2 O Exercício do passo de volta

Para o filósofo a metafísica em toda a sua história pensou somente o ente enquanto tal, Hegel não foi diferente, o ser como conceito absoluto refere-se ao ente enquanto tal e no todo. Nessa perspectiva, o ser da *Ciência da Lógica* é o ser do ente em geral, na interpretação heideggeriana, essa obra diz que o ser ‘está caracterizado previamente como fundamento; o pensar, no entanto – porque co-pertence ao ser – reúne-se com o ser como fundamento, no modo do aprofundar e fundar’ (GADAMER 2000, p. 65). O ser, ao fluir na Ideia Absoluta, é o ente como tal e no todo, que se ‘desoculta (*entbirgt*) como o fundamento (*logos*) que aprofunda (*ergründende*) e que funda (*begründende*) a si mesmo’ (GADAMER 2000, p. 65). Desse modo, Hegel é incluído na história da metafísica que pensa o ser como fundamento do ente, pois o ser é tomado por ele como logos, o ‘fundamento fundante’.

Dito isso, Heidegger pode falar mais sobre as expressões ontologia e teologia. O filósofo diz que esses termos podem a princípio ser entendidos no mesmo sentido que outros como psicologia e biologia, onde a ‘logia’ funda a ciência em questão, no caso, a lógica da alma e do vivente. Mas, além disso, a ‘logia’ é em cada caso um complexo fundador, no qual os objetos são compreendidos a partir de seu fundamento.

A ontologia, porém, e a teologia são ‘logias’ na medida em que exploram o ente enquanto tal e o fundam no todo. Elas prestam contas do ser, enquanto fundamento do ente. Prestam contas ao *lógos* e são, num sentido essencial, conforme ao *lógos*, quer dizer a lógica do *lógos*. De acordo com isso chama-se mais exatamente onto-lógica e Téo-lógica. Mais objetivamente pensada e determinada de maneira mais clara, a metafísica é: Onto-teo-lógica. (HEIDEGGER, 1996, p. 193).

Nesse trecho, Heidegger apresenta o termo ‘lógica’ em seu sentido essencial. Ele afirma que todo o pensamento, inclusive o de Hegel, procura fundar o ente enquanto tal e no todo, a partir do ser como fundamento (*logos*) (HEIDEGGER, 1996, p. 193).

Desse modo, a metafísica sempre buscou pensar o ser como fundamento, o que possibilitou a entrada de Deus na filosofia. Na medida em que a Coisa do pensar é o ente enquanto tal, ela só é pensada como fundamento, Deus por sua vez é o último fundamento, o fundamento supremo, o que caracteriza esse pensamento como teológico. Do mesmo modo, Hegel pensa o *lógos* como fundamento do ente em geral, fazendo, junto a toda história da

metafísica, teologia. Assim, seja como *lógos*, *hypokeímenon*, substância ou sujeito, toda metafísica pensou o ser do ente como fundamento, que recebe o nome de Deus na filosofia (HEIDEGGER, 1996, p. 194).

Com isso, Heidegger comprova apenas que Deus entra na filosofia, mas nada se falou ainda sobre a origem essencial da metafísica. Isso porque ela é onto-teo-lógica e não apenas teológica. Para adentrarmos na questão da essencial origem da metafísica, precisamos compreender a comum unidade entre a teologia e a ontologia. Heidegger compreende que a unidade pela qual se origina a onto-teo-logia permanece impensada, a saber, a diferença enquanto diferença. Pois, a metafísica enquanto onto-teo-logia não surge da união de duas disciplinas, mas por uma unidade no que é questionado por ambas. ‘Na unidade do ente enquanto tal em geral e supremo repousa a constituição da essência da metafísica’ (HEIDEGGER, 1996, p. 194).

Somente a partir da Coisa do pensar, pelo ser, podemos nos aproximar do âmbito da essência onto-teo-lógica da metafísica. ‘Ser significa sempre e em toda parte: *ser do ente...* Ente significa em toda parte: ente *do se*’ (HEIDEGGER, 1996, p. 194). Para Heidegger, é somente a partir da diferença ontológica que se pode pensar no ser. Sabendo que o pensamento que até agora se deu não pensa essa diferença, o filósofo busca com o passo de volta pensar o ser a partir de sua diferença, para assim, elucidar a essência origem da metafísica. Ser e ente só podem ser pensados a partir da diferença, por isso agora ela se torna objeto de investigação.

Heidegger procura assim captar a ambivalência que se oculta na di-ferença entre ser e ente introduzindo, por conseguinte, as determinações de sobrevento e de advento. Sobrevento (*Überkommnis*) é o acontecimento inesperado, o de repente (*ecsaiphnes*) que manifesta o advento (*Ankunft*). O ser, portanto, é o sobrevento que desoculta o ente e assim desvela aquilo que oculta: o advento do ente⁶. Neste sentido, o ser é sobrevento que desoculta, ao passo que o ente se mostra como o advento que se oculta no desvelamento.

Ser como advento e ente como sobrevento, constituem um fenômeno que só pode ser compreendido a partir da diferença entre ambos. Essa diferença é caracterizada por Heidegger como de-cisão desocultante-ocultante. ‘Na de-cisão impera a revelação do que se fecha e se vela; este imperar dá a separação e união de sobrevento e advento’ (HEIDEGGER, 1996, p. 196). Entre ser e ente há uma insuprimível diferença, entendida pelo filósofo como de-cisão

⁶ Sobre este ponto, ver nota do tradutor Ernildo Stein (HEIDEGGER, 1996, p. 196).

(*Austrag*). Desse modo, a partir da de-cisão de sobrevento e advento, Heidegger procura com o passo de volta pensar o ser a partir da diferença. O ser só pode ser pensado em sua diferença com o ente, na de-cisão, pois nela se dá a diferença onde ser e ente se distinguem, ao passo que se identificam.

A constituição onto-teo-lógica da metafísica tem origem na de-cisão, onde o ser sempre se dá como fundamento (*logos*), pois a metafísica sempre permaneceu ciência lógica. Nesse sentido, Hegel, pensando também o ser como historialmente determinado, elucida algo importante: a de-cisão do ser como ‘fundamento fundante’. Contudo, o importante aqui é compreender que todos os modos pelos quais o ser é compreendido na história da metafísica: *physis*, *logos*, *hén*, *Idea*, *enérgeia*, são na verdade variações de uma de-cisão fundamental que permanece no esquecimento.

Desse modo, o que ficou esquecido deve ser pensado, para isso Heidegger pensa o ser como acontecimento que se dá historialmente, que responde ao apelo de um determinado período histórico. Nessa perspectiva, no passo de volta pela busca do que não foi pensado, o filósofo busca pensar o ser pela de-cisão de sobre-vento desocultante e ad-vento ocultante (HEIDEGGER, 1996, p. 198). Visto que só podemos alcançar proximidade do que vem do destino histórico por uma rápida lembrança, com o movimento do passo, a partir da de-cisão, o destino histórico se aproxima de nós.

O ser se configura como um dar historicamente destinado⁷, nessa perspectiva, o que mais importa aqui está no fato de que com o passo de volta é possível alcançar proximidade daquilo que nos é dado pelo destino histórico. Pois no passo ‘o ser mostra-se no sobrevento desocultante como deixar-estar-aí do que advém’ (HEIDEGGER, 1996, p. 198), e também como o fundar; o ente, que ‘se oculta’ no desvelamento. Dessa maneira, o ente que é o fundado, de sua maneira também funda.

Trata-se da tentativa heideggeriana de pensar a diferença como de-cisão, para tornar visível em que medida a metafísica como onto-teo-logia tem um sua origem essencial na de-cisão (HEIDEGGER, 1996, p. 198). Para Heidegger, as de-ciões que perpassam todas as épocas permanecem esquecidas, por um esquecimento que é também um subtrair em si mesmo. Desse modo, o filósofo busca pensar o ser a partir da diferença como de-cisão e penetrar no pensamento que pensa o ser como fundamento (*logos*).

⁷ Sobre a compreensão do dá-se ser historialmente destinado, Heidegger descreve em sua conferência *Tempo e Ser* (HEIDEGGER, 1996, p. 256). Compreensão essa que será tematizada no segundo capítulo.

O ente enquanto tal, o adevento que se desoculta no desvelamento, é o fundado que, como fundado e assim como obrado, funda a seu modo, a saber, obra, isto é, causa. A de-cisão entre fundante e fundado enquanto tais não mantém apenas ambos separados, elas o mantêm em uma união recíproca (HEIDEGGER, 1996, p. 198).

Essa passagem é basicamente resultado do exercício do passo de volta. O que podemos perceber no que foi dito, é que o ser fundamenta o ente, que por sua vez também funda o ser, no sentido de causá-lo. O ser como um fenômeno é fundamento que está radicado ao *lógos*, desse modo, ele funda o ente, que enquanto plenitude do ser, também o funda. Pensado o ser a partir da diferença como de-cisão de sobrevento e advento, ‘de-cisão é um circular, de ser e ente, um em torno do outro’ (HEIDEGGER, 1996, p. 198).

Porque o ser aparece como fundamento, o ente é o fundamento; mas o ente supremo é o fundamento no sentido da primeira causa. Pensa a metafísica o ente no que respeita seu fundamento, comum a cada ente enquanto tal, ela é lógica como ontológica. Pensa a metafísica o ente enquanto tal no todo, quer dizer, no que respeita o supremo (que é o) ente que a tudo funda, ela é lógica como teo-lógica (HEIDEGGER, 1996, p. 199).

Para o filósofo, o pensamento da metafísica sempre esteve engajado na diferença que permaneceu esquecida, isso fez com que a metafísica permanecesse em sua unidade, na decisão, ontológica e teológica. A partir disso, Heidegger diz que a diferença enquanto diferença não pode ser pensada no mesmo horizonte da metafísica. As palavras ente, ser, fundamento-fundado, remetem nosso pensamento ou modo de pensar o diferente da diferença, contudo, tais palavras não podem expressar a diferença enquanto diferença (HEIDEGGER, 1996, p. 198).

Observa-se assim como Heidegger compreende a entrada de Deus na filosofia: ‘Deus entra na filosofia pela de-cisão’ (HEIDEGGER, 1996, p. 199). Na medida em que a metafísica se constituiu na diferença, ela concebe o ser como ‘fundamento fundante’ de toda fundamentação, o causador mais originário, *causa sui*. É aí que surge o nome para Deus na filosofia, porém, esse não é Deus de adoração para o homem.

Para Heidegger a metafísica sempre procurou pensar o ente em sua totalidade, assim ocorreu na ‘ideia’ platônica, na representação dos objetos na modernidade e finalmente como vontade de poder com Nietzsche, assim ela é classificada como ontologia; a doutrina do ser do ente. Segundo Stein (2003, p. 228), ‘essa ontologia aceita como evidente, para o fundamento do ser, a presença constante’. Ou seja, o ente é fundado no ser por estar constantemente presente, contudo, o ser também precisa de fundamento para ser sempre presente. Isso indica uma necessidade da metafísica de um último fundamento.

A metafísica fundamenta o ente no ser, e também é a fundamentação do ser no ente supremo. Desse modo, a metafísica só pode ser onto-teo-lógica. Se ela é assim, de alguma forma, Deus entra na filosofia, e sua entrada aponta o caráter onto-teo-lógico, ao passo que comprova o esquecimento do ser no pensamento ocidental.

Heidegger compreende que o ser só é acessível a partir da sua diferença com o ente. Desse modo, o filósofo procura colocar a questão da verdade do ser, pois ele acredita que há uma questão que fundamenta toda a filosofia e ultrapassa Deus: ‘por que há o ente em quanto tal, e não antes o nada?’, em síntese: ‘O que há com o ser?’ (HEIDEGGER, 1999, p. 34). Heidegger pensa o ser como um dom, que doa o ente, ‘ser se dá a alguém. Ele se oferece por exigência ao homem’ (STEIN, 2003, p. 233).

1.3 O abando dos fundamentos últimos

Muitas vezes, nosso modo trivial de pensar acaba dificultando o entendimento da amplitude própria da diferença. Heidegger procura com a diferença ontológica, dizer que ser não é ente, que há um abismo entre ser e ente. Contudo, não somos nós que fazemos a diferença ontológica, ela não pode se confundir com nossa distinção entre ser e ente, a diferença perpassa a abertura do ente na totalidade de seu ser. O acontecimento do aí se dá como diferença ontológica, no sentido de que ela determina historialmente o campo de manifestação dos entes em geral.

Em todo pensamento da metafísica o ser é pensado como fundamento. O que Heidegger busca dizer em sua tentativa de pensar a partir da diferença é que ser acontece como fundamento, quando o ser acontece, acontece fundamento. Como o ser é determinado historicamente os fundamentos são sempre históricos. Mas isso deve ser pensado de maneira diferente da metafísica, pois não há fundamento que suprima por completo o velamento do ser. Pois, na medida em que o ser acontece como fundamento ele permanece sem fundamento, por que em seu acontecimento historial ele se retrai em sua diferença. Desse modo, não há fundamento do fundamento, por que o fundamento do fundamento é abissal, ele é a diferença ontológica.

Pensando a decisão como âmbito em que se constata a diferença ontológica, onde o ser mostra-se como o sobre-evento desocultante e ente como advento ocultador, Heidegger procura superar o pensamento metafísico colocando a questão da verdade do ser, que enquanto questão procura pensar o que é próprio do ser em seu acontecer historial, enquanto

‘destino (*Geschick*) que destina verdade’ (GADAMER, 2000 p. 339). Desse modo, o filósofo crítica a linguagem da metafísica dizendo que ela limita-se à verdade do ente, sendo impedida de pensar no que é próprio do ser, e procura a partir do que ficou esquecido, pensar a verdade do ser: o ser enquanto acontecimento historialmente destinado. Pensamento esse, que deve abandonar o âmbito do pensamento da metafísica tradicional.

Desse modo, assinalou-se a tentativa heideggeriana de pensar o ser a partir da diferença, ou seja, pensar o ser sem levar em consideração a sua relação com o ente. Com isso, delineou-se a perspectiva para pensar, junto ao filósofo, o ser no horizonte do acontecimento-apropriativo. Isso porque o acontecimento do aí se dá como diferença ontológica, assim somente pensando a partir da diferença podemos abrir os olhos para o acontecer historialmente destinado, e dele nos apropriarmos.

2 O ser no âmbito do acontecimento-apropriativo: o horizonte de *tempo e ser*

A partir da leitura da conferência *Tempo e Ser*, o presente capítulo procura esclarecer a concepção heideggeriana do ser no interior do acontecimento-apropriativo. Busca-se assim, primeiramente, apresentar a tentativa do filósofo de pensar o ser pelo que lhe é próprio; por conseguinte, mediante o que é próprio de ser e de tempo, o mútuo determina-se no interior do *Ereignis*. Posteriormente, recorre-se à leitura de *O Princípio da Identidade* para discutir mais adequadamente o acontecimento-apropriativo nos limites de *Tempo e Ser*.

Em *Tempo e Ser*, Heidegger leva a termo a tentativa de pensar o ser sem sua fundamentação pelo ente; assim, compreende o ser como presença. Tal compreensão indica que ser é determinado por tempo, que por sua vez deve ser, como algo que permanece constante, determinado pelo ser. O mútuo determinar-se de tempo e ser permite ao pensamento introduzir-se no âmbito do acontecimento-apropriativo.

Em vista disso, Pretende-se analisar o que é próprio do ser e o que é próprio do tempo segundo a interpretação heideggeriana. Para Heidegger tempo e ser não são coisas, ser e tempo se dão, assim se faz necessário uma mudança linguística: dá-se ser e dá-se tempo. Em seguida, se esclarecerá como ocorre o dar-se; quando se clarificará assim o que é próprio de ser e de tempo, Enfim, se mostrará como tal clarificação pode conduzir o pensamento para o interior do acontecimento-apropriativo.

2.1 O mútuo determinar-se de tempo e ser como acontecimento-apropriativo

Heidegger parte da compreensão do ser como presença, pois o ser como presença é um traço que perpassa todo o pensamento ocidental, somos levados a crer que ser se determina pelo tempo. Já que presença é a ‘característica do tempo junto com o passado e o futuro’ (HEIDEGGER, 1996, p. 253), ser como presença pressupõe uma determinação pelo tempo, que por sua vez, sempre permanece. Assim, de algum modo, o tempo deve determinar-se pelo ser.

O autor nos alerta para o esforço que será necessário para pensar essas questões fora do âmbito de nossas representações corriqueiras, que pensa os entes em sua temporalidade. Ser não está no tempo como os entes assim estão; porém, alcança nele uma determinação. Do mesmo modo, o tempo também é determinado pelo ser, pois ele é um constante passar, nessa constância ele não desaparece e permanece, assim está sempre presente, possui presença.

Ser não é coisa, por conseguinte, nada de temporal. Não obstante é determinado como pré-sença através do tempo. Tempo não é coisa, por conseguinte nada de entitativo; mas permanece constante em seu passar, sem mesmo ser nada de temporal como o é o ente no tempo (HEIDEGGER, 1996, p. 253).

Ser não se confunde com o ente, sua determinação pelo tempo não é como a de um ente em um determinado curso temporal. Tempo não é temporal, o que é temporal passa junto com o tempo, como faz o ente, contudo, tempo não pode ser pensado como um ente qualquer. Do tempo sabemos que ele passa, e assim, em seu passar permanecendo, possui presença. Assim sendo, tempo deve ser de alguma forma determinado pelo ser. Para esclarecer essa relação, torna-se necessário saber o que é próprio de ser e tempo.

Dizer que ser não se confunde com ente e que tempo se distingue do temporal, é a tentativa heideggeriana de pensar de modo próprio as questões que aqui são evocadas. ‘Ser e tempo, tempo e ser nomeiam a relação de ambas as questões, o estado de coisas que mantém unidas entre si ambas as questões e sustenta sua relação’ (HEIDEGGER, 1996, p. 253). Essas questões são postas juntas, porque Heidegger compreende que a relação entre ser e tempo só existe por uma justaposição entre ambas, é uma relação que surge a partir das coisas mesmas que por elas são nomeadas. Nessa compreensão, o filósofo pretende refletir acerca do que é próprio de tempo e ser.

Ser e tempo não são compreendidos como coisas, como um ente. Isso porque, no dizer de Heidegger: ‘Do ente dizemos: ele é. No concernente à questão ‘ser’ e no que diz respeito à

questão ‘tempo’, permanecemos cautelosos. Não dizemos: ser é, tempo é: mas dá-se ser e dá-se tempo’ (HEIDEGGER, 1996, p. 254). A partir desse modo de pronunciar as questões, Heidegger procura conduzir o pensamento para tornar evidente o dar-se que resultam ser e tempo, ao passo que busca o esclarecimento do que é próprio de cada questão.

Pensando sob o ponto de vista do que apresenta, pre-sentar se mostra como pre-sentificar. Trata-se, porém, agora de pensar esse pre-sentificar propriamente, na medida em que é facultado pre-sentar. Pre-sentificar mostra-se no que lhe é próprio pelo fato de levar para o desvelamento. Pre-sentificar significa: desvelar, levar ao aberto. No desvelar está em jogo um dar, a saber, aquele que no presenti-*ficar* dá o pré-sentar, isto é, ser (HEIDEGGER, 1996, p. 254).

Essa passagem refere-se à tentativa heideggeriana de pensar no que é próprio do ser, apresentando o modo que ocorre o ‘dar’ que dá ser. Pois o ser como presença se presentifica a nós em sua abertura, para sabermos o que é próprio do ser devemos acompanhar o presentificar, que é de onde fala o ‘dar’ que dá ser. Deve-se entender isso para pensar o ser no que lhe é próprio. Para isso, devemos também, abandonar o modo de pensar da metafísica, que pensa o ser a partir do ente e como seu fundamento. Pois, ser é seu próprio dom que desoculta no presentar.

Heidegger compreende que em todo o pensamento da tradição, dos antigos aos modernos, o ser do ente é entendido como um presentar, podendo assim dizer, que há uma história do ser. Contudo, é necessário cautela para que essa compreensão não se contamine com nossas representações corriqueiras do termo. ‘O caráter historial da história do ser determina-se certamente a partir disso e somente assim: como o ser acontece... a partir da maneira como o ser se-dá’ (HEIDEGGER, 1996, p. 256). Desse modo, o filósofo acredita haver uma história do ser, que como tal, pensou o ser sempre em função do ente, deixando o dar-se do ser impensado.

Um dar que somente dá seu dom a si mesmo, entretanto nisso mesmo se retém e se subtrai, a um tal dar chamamos: destinar. De acordo com o sentido de dar a ser assim pensado, é ser que Se dá, o que foi destinado. Destinado, desta maneira, permanece cada ato de suas transformações (HEIDEGGER, 1996, p. 256).

Para Heidegger o dar-se do ser não está no ente, mas em si mesmo, esse dar a si mesmo é chamado por ele de destinar. O ser acontece de forma historicamente determinada nesse destinar. Desse modo, em cada época o ser faz um apelo, que imediatamente se subtrai em si mesmo, nesse sentido, todas as doutrinas metafísicas são respostas a esse apelo, e não meras palavras produzidas ao acaso (HEIDEGGER, 1996, p. 257). Na tradição do destino do

ser, ele mesmo recebe sua determinação pelo seu dar-se. O dar é compreendido então como um destinar.

No horizonte do destinar, Heidegger compreende haver uma medida ontológica que liga todos os acontecimentos de uma época. ‘Época não significa aqui um lapso de tempo no acontecer, mas o traço fundamental do destinar’ (HEIDEGGER, 1996, p. 257). Pensar a história do ser é justamente a tentativa de pensar o espaço histórico em sua unidade, não como informações historiológicas, mas pensar a unidade que vincula todos os acontecimentos. Pois aquilo que se dá no passado de modo essencial não passa, mas arrasta para si o futuro, indicando a destinação dos acontecimentos.

O dar do dá-se ser é um destinar historicamente determinado, visto isso, falta clarear o dar do dá-se tempo, com vista na conjectura posta pelo filósofo de que o ‘se’ que dá ser, e determina-o como presença, possa ser encontrado no tempo. Desse modo, o autor busca o que é próprio do tempo sem perder de vista o que foi dito sobre o ser. Pois, ser se apresenta, e como tal, carrega nitidamente uma determinação temporal como aquilo que se mostra entre o passado e o futuro.

Ser como presente, no sentido da presença, é compreendido por Heidegger como aquilo que determina de modo uniforme o presentificar como um demorar no sentido do manter-se em aberto. Porém, não podemos nos deixar enganar pelas nossas representações corriqueiras do presente como espaço de tempo de um agora para outro agora seguinte. Ao contrário, ‘presentar se aproxima de nós; presente quer dizer: demorar-se ao nosso encontro, ao encontro de nós, os homens’ (HEIDEGGER, 1996, p. 259).

Para Heidegger o homem situa-se no interior da abordagem pela presença, pois, o presentar se direciona a ele, que por sua vez recebe como dom o dá-Se do ser. Essa é a relação que faz o homem ser aquilo que ele é. Contudo, não é apenas o presente imediato que nos alcança, o ausentar, do não-mais-presente e do ainda-não-presente, se apresenta a nós, não da mesma forma, mas de um modo próprio. A partir desse pensamento, Heidegger afirma que o presente, passado e futuro são em si um alcançar, uma unidade do caráter temporal que assim nos alcança.

O filósofo caracteriza a unidade do recíproco alcançar-se como pré-espacial, podendo, então, doar espaço de tempo, ou seja, ‘dar’ tempo. No alcançar iluminador de passado presente e futuro, dá o espaço de tempo e, nesse, repousa a chamada dimensão. Nesse sentido, o tempo que se dá pelo alcançar iluminador que é compreendido como tridimensional,

passado, presente e futuro. Contudo, essa unificação das três dimensões deve ser determinada de algum modo.

Esta unidade das três dimensões repousa muito antes, no proporcionar cada um à outra. Este proporcionar-se mostra-se como o autêntico no alcançar que impera no que é próprio do tempo, portanto como uma espécie de quarta dimensão – não apenas uma espécie, mas uma dimensão efetivamente real (HEIDEGGER, 1996, p. 261).

Heidegger diz que o tempo é quadridimensional, sendo a última dimensão apresentada, na verdade, é a primeira, porque ela é o alcançar que determina as demais. Ela ilumina ao passo que também retém, ou seja, ao passo que ela dá o espaço de tempo ela também preserva o que no passado está recusado e no futuro retido. Assim, o dar que dá tempo, o alcançar iluminador do quadridimensional, oculta-se em si mesmo, não há como indicar onde ocorre o dar que dá tempo, pois esse se configura como pré-espacial, é condição para o espaço de um onde.

Para Heidegger, o tempo sempre alcança o homem, de modo que ele só pode ser enquanto estiver em meio ao tríplice alcançar e na medida em que determina esse alcançar. Para o filósofo, em todo pensamento sobre o tempo na história da filosofia, o tempo não podia existir sem a *psyché*, sem o homem, no entanto, aqui nem o homem é produto do tempo e tampouco o tempo é produto do homem. ‘Aqui não há um obrar. Somente há o dar, no sentido do supramencionado alcançar que ilumina o espaço-de-tempo’ (HEIDEGGER, 1996, p. 262).

2.2 O âmbito de compreensão do *Ereignis*

Mostrou-se, até aqui, que o dar que dá ser é um destinar da presença e que o dar que dá tempo é apresentado como o alcançar iluminador do âmbito quadridimensional (HEIDEGGER, 1996, p.263). O que é destinado sempre repousa no alcançar iluminador do tempo, assim, ambos se colocam mutuamente em uma unidade. O caráter de tal unidade é o que agora procuramos clarear.

O que vincula ambas as questões mutuamente, aquilo que conduz ambas as questões não apenas para o interior daquilo que lhes é próprio, mas que conserva em sua comum-unidade e ali as sustenta, a relação de ambas as questões, o estado de coisas, é o *Ereignis* (HEIDEGGER, 1996, p. 265).

Para Heidegger, aquilo que sustenta e conserva a questão de ser e tempo em sua unidade, e que assim determina o lugar de ambos, é o acontecimento-apropriativo (*Ereignis*). O filósofo não diz que ser e tempo sejam constituintes do acontecimento-apropriativo, o que ocorre é que ambos acontecem no interior do que lhes é próprio, ou seja, acontece e apropria. O acontecimento-apropriativo acontece e apropriar tempo e ser, se oculta no destino do ser e no alcançar iluminador do tempo (HEIDEGGER, 1996, p. 267).

Nesse acontecer e nesse apropriar que, à diferença da tradição, consiste, para Heidegger, o comum-*pertencer* de pensar e ser ou de homem e ser, deve-se enfatizar a última palavra; ‘pertencer’, no sentido que ela determina à primeira: ‘comum’, que representa a comunidade. Ou seja, só é possível a comunidade entre Ser e homem por que eles se determinam e se pertencem. Deve-se experimentar essa comunidade a partir do seu mutuo pertencer. Para tanto, será necessário esclarecer o ‘recíproco-acontecer’, de ser e homem, tal como o autor nos indica.

O homem é manifestamente um ente. Como tal, faz parte da totalidade do ser, como a pedra, a árvore e a água. Pertencer significa aqui ainda: inserido no ser. Mas o elemento distintivo do homem consiste no fato de que ele, enquanto ser pensante, aberto para o ser, está posto em face dele, permanece relacionado com o ser e assim lhe corresponde. O homem é propriamente essa relação de correspondência, e é somente isso. ‘Somente’ não significa limitação, mas sim plenitude. No homem impera um pertencer ao ser; esse pertencer escuta ao ser, porque a ele esta entregue como propriedade. E o Ser? Pensamos o ser em seu sentido primordial como apresentar. O ser se apresenta ao homem, nem acidentalmente nem por exceção. Ser somente é e permanece enquanto aborda o homem pelo apelo. Pois somente o homem, aberto para o ser, propicia-lhe o advento enquanto apresentar. Tal apresentar necessita do aberto de uma clareira e permanece assim, por esta necessidade, entregue ao ser humano, como propriedade. Isto não significa que o ser é primeira e unicamente posto pelo homem. Pelo contrario, torna-se claro (HEIDEGGER, 1996, p. 177).

Nesse trecho, Heidegger apresenta a relação entre ser e homem. No que foi dito, ser é presença, e como tal, necessita do aberto da clareira, ou seja, sempre está entregue ao ser humano, que constitui sua morada nesse aberto. Isso não quer dizer que ser precise do homem para existir, ele somente torna-se claro ao entregar-se na clareira do homem. O homem também é compreendido, em sua plenitude, por esta relação de correspondência. Isso indica que no recíproco entregar-se, temos o comum-*pertencer* de ser e homem, no interior do qual, ambos recebem suas determinações essenciais.

Heidegger pretende, a partir disso, adentrar no interior do comum-*pertencer*, para isso, será necessário um salto, que como tal, se distancia do pensamento da metafísica ocidental, que pensa somente o ser como fundamento. Para o filósofo, ser é abismo (*Ab-grund*), palavra

alemã que significa sem fundamento, assim o ser para Heidegger é abissal, ele não pode ter um fundamento que o funde. Só assim podemos compreender que homem e ser, em um recíproco dar-se, alcançam juntos aquilo que lhes é essencial.

Trata-se simplesmente de experimentar este ser próprio de, no qual homem e ser estão reciprocamente a-propriadados, experimentar que quer dizer penetrar naquilo que digamos *acontecimento-apropriação*. A palavra acontecimento-apropriação é tomada da linguagem natural. ‘*Er-eignem*’ (acontecer) significa originariamente: ‘*er-äugnen*’, quer dizer, descobrir com o olhar, despertar com o olhar, apropriar. A palavra acontecimento-apropriação deve, agora, pensada a partir da coisa apontada, falar como palavra-guia a serviço do pensamento. Como palavra-guia assim pensada, ela se deixa traduzir tão pouco quanto a palavra-guia grega *logos* ou a chinesa *Tao* (Heidegger, 1966, p. 180).

O filósofo afirma que devemos experimentar o comum-*pertencer* entre homem e ser, para que se possa abrir os olhos para o que agora é no mundo da técnica (HEIDEGGER, 1996, p. 190) ao passo que também, na medida em que recebermos nossa essência no acontecimento-apropriativo, enquanto comum-*pertencer* de ser e homem, podemos nele abandonar as determinações que nos vem da tradição. Contudo, o importante é compreender que ser e homem fazem parte de uma identidade, que enquanto tal, se essência no acontecimento-apropriativo, ou seja, identidade é propriedade do *Ereignis*. Assim a tentativa heideggeriana de pensar o ser por um saldo no abismo do sem fundamento é, na verdade, pensar o ser como acontecimento-apropriativo, que nesse caso é entendido como o abismo.

Para melhor compreender o que Heidegger concebe como acontecimento-apropriativo, há que se esforçar para pensar o acontecer mesmo, não o tomando como coisa; pois ele não pertence ao ser, pelo contrário é o ser que pertence a ele (HEIDEGGER, 1996, p. 266). Também não deve ser pensado com mero acontecimento, no sentido de um fato ou ocorrência. Deve-se abandonar por tanto os preceitos lógicos que se impõe ao pensamento humano quando este se põe a refletir sobre as coisas ou sobre o ente em geral.

O ser foi pensado pela tradição de vários modos: ‘ser enquanto *idéia*, enquanto *enérgeia*, enquanto *actualitas*, enquanto vontade, sempre a partir do ente’ (HEIDEGGER, 1966, p. 266). Poder-se-ia entender agora o ser enquanto *Ereignis*, isso seria o mesmo que afirmar que *Ereignis* é subordinado ou derivado do ser, isso se mostra inverídico, pois como foi apresentado, o ser como destino que repousa no alcançar iluminador faz parte do acontecimento-apropriativo. Não que acontecimento-apropriativo seja conceito abarcador, mas tempo e ser acontecem apropriados no *Ereignis*.

Ao dar como destinar pertence a suspensão, isto é, no alcançar do passado e do porvir acontece o jogo da recusa do presente e da retenção do presente. O agora nomeado: suspensão, recusa, retenção, mostra algo como subtrair-se, em resumo: a retração. Mas na medida em que os modos de dar por ele determinados, o destinar e o alcançar, residem no acontecer apropriador, deve a retenção fazer parte do que é específico do *Ereignis* (HEIDEGGER, 1966, p. 267-268).

Heidegger compreende que o dar do ser é um destinar, que acaba se retraindo em si mesmo. No mesmo sentido, o dar do tempo é também um ocultar-se no próprio tempo, somente com a recusa do que não é mais presente do passado, com a retenção do ainda não presente do futuro, o presente se pre-sentifica. Tanto em ser como em tempo, há um subtrair-se. Como o destino do ser e o alcançar revelador do tempo residem no *Ereignis*, Heidegger afirma que o acontecimento-apropriativo retém sua propriedade em uma subtração sem limites.

Desse modo, Heidegger nos diz que o que é mais próprio do acontecimento-apropriativo permanece ocultado por ele mesmo. Ou seja, em seu próprio sentido ele se desapropria. ‘Do *Ereignis* enquanto tal faz parte a *Enteignis*, o não-acontecer desapropriador. Através deste último o *Ereignis* não se abandona, mas guarda sua propriedade’ (HEIDEGGER, 1996, p. 267). Desse modo, Heidegger diz que o acontecimento-apropriativo retém sua propriedade.

Tempo e ser determinam-se mutuamente no acontecimento-apropriativo, o homem por situar-se no aberto da clareira esta em um comum-apropriar-se com o ser, e, por conseguinte, constitui sua morada no acontecimento-apropriativo. Assim, Heidegger assinala algo importante: ‘de nunca sermos capazes de colocar o *Ereignis* diante de nós, nem como algo que se opõe a nós, nem como algo que a tudo abarca’ (HEIDEGGER, 1996, p. 267). Assim, não há como representarmos ou fundamentarmos o acontecimento-apropriativo, fazer isso seria tratá-lo como um ente, mas ele não ‘é’ nem mesmo ‘se dá’; desse modo, sobre ele, não podemos nada enunciar. ‘Que resta dizer? Apenas isso: o *Ereignis* acontece-apropria’ (HEIDEGGER, 1996, p. 268).

2.3 A título de conclusão

Nesse capítulo apresentou-se a tentativa heideggeriana de pensar o ser no que lhe é próprio, sem sua relação com o ente, ou seja, sem a metafísica. A partir do que é próprio de tempo e ser, pelo modo que estes se dão, compreende-se que ambos se determinam mutuamente, o que prepara o caminho para aceder-se ao interior do acontecimento-

apropriativo. Este não pode ser questionado, nem conhecido; dele só se pode ter experiência; no dizer de Heidegger (1966, p. 252), ‘não se trata de ouvir uma série de frases que enunciam algo; o que importa é acompanhar a marcha de um mostrar’. Não se trata portanto de buscar um modo de dizer o *Ereignis*, pois dele só se pode dizer que acontece e apropria.

Eis o que justifica a tematização do comum-*pertencer* de homem e ser. Por mais que a relação de ser e pensar não esteja expressamente analisada em *Tempo e Ser*, essa questão, como indica o protocolo do seminário, ‘faz essencialmente parte de cada passo da questão do ser’ (HEIDEGGER, 1966, p. 281)⁸. Nessa discussão, mostra-se que *Ereignis* acontece e apropria homem e ser em seu comum-*pertencer*. ‘Neste comum-*pertencer* não são mais então ser e homem os que pertencem a uma comunidade, mas – enquanto acontecidos e apropriados – os mortais na quaternidade do mundo’ (HEIDEGGER, 1966, p. 288).

Assim, o que importa é a preparação para o próprio *Ereignis*. Quando Heidegger diz que dele só resta dizer: acontece e apropria, ele não induz à exclusão do pensamento, pelo contrário, indica uma riqueza de pensamento a ser pensado no interior do acontecimento-apropriativo. Pois, o homem, a coisa, os deuses, a terra e o céu (quaternidade do mundo), tudo isso que é acontecido e apropriado, fica a ser pensado no interior do *Ereignis*.

Considerações finais

Mediante o confronto de Heidegger com Hegel, clarificou-se o movimento do pensamento daquele caracterizado como passo de volta. Elucidou-se assim a tentativa heideggeriana de pensar o ser a partir da diferença enquanto diferença, de pensar o ser sem a sua relação com o ente, de pensar o ser pelo que lhe é próprio. O que é próprio de ser e tempo em seu mútuo determinar-se e o comum-*pertencer* de homem e ser conduz o pensar para o interior do acontecimento-apropriativo. Enfim, mediante a explicitação da interpretação exposta em *A Constituição Onto-teo-lógica da Metafísica*, preparou-se o terreno para se pensar o ser no âmbito do *Ereignis*.

Mostrou-se, a partir do passo de volta, a tentativa heideggeriana de pensar a essencial origem da metafísica enquanto onto-teo-logia na de-cisão de sobrevento e advento. Desse modo, delineou-se a perspectiva para a compreensão do *Ereignis*, no horizonte de *Tempo e Ser*. Sobre esse escrito, diz Heidegger, que ‘todo caminho da conferência, e isto quer dizer, a

⁸ De 11 a 13 de setembro de 1962 foi regido o protocolo do seminário sobre a conferência *Tempo e Ser*, pelo professor Alfredo Guzoni. A intenção desse seminário se resume a aprofundar e clarificar o questionamento da conferência (HEIDEGGER, 1966, p. 271-301).

determinação do ser a partir do *Ereignis*, pode ser interpretado como o retorno ao fundamento, à origem' (1996, p. 277). Desse modo, ao passo que mostra a essencial origem da metafísica, o primeiro capítulo teve como objetivo explicitar o pano de fundo da compreensão do ser no âmbito do acontecimento-apropriativo. No conteúdo exposto em *Identida e Diferença*, com mais frequência na conferência *A Constituição Onto-teo-lógica da Metafísica*, encontramos a preparação para pensar o ser como *Ereignis*.

Logo no início de *Tempo e Ser*, Heidegger indica sua tentativa de pensar o ser sem sua relação com o ente. Não que essa relação não seja essencial, o que o filósofo procura é pensar o ser sem levar em consideração a metafísica, não no sentido de superação, mas de abandonar a metafísica a ela mesma. Com o passo de volta ganha-se proximidade da essencial origem da metafísica, e ao pensar o ser a partir da diferença, abre-se caminho para compreender o que está sempre pressuposto na tentativa de pensar o ser no que lhe é próprio. Heidegger coloca a questão do ser a partir da diferença, pois só assim, nos diz ele, se pode abrir os olhos para aquilo que é no mundo (HEIDEGGER, 1996, p. 252). Desse modo, o que é apresentado no primeiro momento ganha vida na tentativa heideggeriana de pensar o ser como acontecimento-apropriativo.

Mostramos que o pensamento de Heidegger se configura em um movimento que procura se afastar da manifestação do ente, e se dirige para o acontecimento manifesto do ser, que é por essência um velar-se. Esse movimento, denominado passo de volta, é um recuo do pensamento na aproximação daquilo que deve ser pensado, para assim, poder ganhar distância frente do que está por vir. Desse modo, o acontecimento se revela no retorno do passo, que na procura de penetrar no ainda não pensado, deixa sua direção inacessível antes de seu exercício.

Para Heidegger, em todo o pensamento ocidental, o ser foi pensado em sua relação com o ente, assim o ser mesmo permaneceu esquecido. Em vista disso, impõe-se a Heidegger pensar justamente isso que permaneceu esquecido e que se mostra como o impensado e, nesse sentido, como a essência do pensado até agora. Contudo, mostra-se que o velar-se faz parte do ser, o dar do ser é também um velar-se de si mesmo no interior do *Ereignis*. Assim, como afirma Heidegger (1966, p. 276), não podemos pensar que o fato de a metafísica não ter pensado o ser seja resultado de uma negligência, mais corretamente deve ser pensado como consequência do próprio velar-se do ser.

Com o exercício do passo de volta, vemos que o esquecimento do ser constitui a essência da metafísica, o ser como aquilo que se dá por uma determinação historial tem o

esquecimento como parte do seu próprio acontecer. Só se pode pensar o ser levando em consideração seu esquecimento, pois este faz parte essencial daquele. Desse modo, o pensar desperta no interior do *Ereignis*, portanto no comum-*pertencer* de pensar e ser, nisso se define o passo de volta.

Referências

GADAMER, H.-G. **La dialéctica de Hegel**: cinco ensayos hermenêuticos. Tradução de Manuel Garrido. 5 .d. Madrid: Ediciones Cátedra, 2000.

HEGEL. G. W. F. **A Idéia e o Ideal**. Tradução de Orlando Vitorino. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores)

_____. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **Ciência da Lógica**: (Excertos). Tradução de Marco Aurélio Werle. São Paulo: Barcelona, 2011.

_____. **Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio**. Tradução de Paulo Meneses. São Paulo, Loyola, 1995.

HEIDEGGER, Martin, **Introdução à Metafísica**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1999.

_____. **Conferencias e escritos filosóficos**. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1996.

_____. **Identidad y Diferencia**. Tradução de Helena Cortés y Arturo Leyte. Anthropos, Barcelona, 1988.

MICHELAZZO, José Carlos. **Do um como princípio ao dois como unidade**: Heidegger e reconstrução ontológica do real. São Paulo, FAFESP: Annablume, 1999.

STEIN, Ernildo. **Nas proximidades da antropologia**: Ensaio e conferências filosóficas. Ijuí: Unijuí-RS, 2003.